

Graciliano Ramos

INSÔNIA

Prefácio de Micheliny Verunschik

VIALEITURA

Sumário

- 7** Prefácio — Onde bichos invisíveis acordaram,
por Micheliny Verunschik
- 13** Insônia
- 19** Um ladrão
- 33** O relógio do hospital
- 43** Paulo
- 49** Luciana
- 55** Minsk
- 61** A prisão de J. Carmo Gomes
- 79** Dois dedos
- 87** A testemunha
- 97** Ciúmes
- 103** Um pobre-diabo
- 111** Uma visita
- 121** Silveira Pereira

Prefácio

Onde bichos invisíveis acordaram

No dia 3 de março de 1936, o escritor Graciliano Ramos foi preso em Maceió como parte da política persecutória de Getúlio Vargas, após a Intentona Comunista de 1935. Acusado de associação ao comunismo e de ter sido simpático à conspiração, Ramos é levado ao Rio de Janeiro no porão de um navio e fica preso durante onze meses. Foi solto em 13 de janeiro de 1937, depois de uma longa campanha por sua libertação encabeçada por José Olympio, seu editor, e pelos escritores José Lins do Rego e Augusto Frederico Schmidt.

A prisão atravessou a produção literária do escritor de forma incontornável; a partir dela, Ramos passou a se dedicar com mais empenho à escrita confessional e a gêneros mais curtos, como o conto e a crônica. Ainda na prisão, em agosto de 1936, publicou o romance *Angústia* e, depois que foi libertado, em março de 1938, lançou o seu quarto e último romance, o festejado *Vidas secas*. Os anos de cárcere parecem ter imprimido no autor um outro ritmo, uma outra mirada, dos quais *Vidas secas* parece ser o ponto de inflexão.

Insônia, terceira antologia de contos de Graciliano Ramos, publicada em 1947, talvez seja a mais conhecida coletânea de narrativas curtas do escritor. Sob esse título (que, de certo modo, faz um paralelismo com o título *Angústia*, romance de 1936) estão reunidas treze narrativas que, com exceção dos contos “Uma visita”, “Luciana” e “A testemunha”, já haviam sido publicadas antes na coletânea *Dois dedos* (de 1945). Antonio

Candido¹ percebe na escrita de Graciliano Ramos duas grandes forças: de um lado, a lucidez e o equilíbrio; do outro, os impulsos interiores desordenados. Em *Insônia*, essas linhas de força estão constantemente em fricção, não apenas dando um sentido de unidade ao livro como também compondo um panorama caro à compreensão do indivíduo diante dos desafios do perturbado século XX.

Uma atmosfera crepuscular e desestabilizada envolve *Insônia*, e o espírito da época apresenta sujeitos disputados por instâncias quase microscópicas de poder. Nesse sentido, o conto de abertura, homônimo ao título, é paradigmático. O tique-taque do relógio, ao ser transfigurado na pergunta monstruosa “Sim ou não?”, é a própria esfinge do tempo, o “pêndulo inexistente”, contrapondo o espaço do desejo, da individuação, ao rumor violento e homogeneizador do mundo. O sono interrompido por uma realidade opressiva inaugura um espaço inapreensível em que o real se esvai e passa a fazer pouco ou nenhum sentido. E, assim, a fragmentação individual é política, porque todo o mundo se configura imobilizado diante da escolha binária que parece ser inescapável.

Esse indivíduo e sua consciência “graciliânica” encontram eco no Gregor Samsa, de *A metamorfose*, de Franz Kafka, e no Sutúlin, personagem do conto *O Quadraturin*, do russo Sigismund Krzyzanowski, mas também em *O visconde partido ao meio*, de Italo Calvino. Se, em Samsa, a consciência monstruosa do tempo afeta o corpo que mal pode se movimentar dentro do quarto e, em Sutúlin, sua opressão expande o espaço do aposento de um modo que o indivíduo se perde dentro dele, em *Insônia*, este se transforma em sepultura. De fato, ao longo das treze narrativas, o leitor é apresentado a inúmeras variações desse tema, seja por

1. Antonio Candido, *Ficção e confissão: Ensaios sobre Graciliano Ramos*. São Paulo, Editora 34, 1992, p. 59.

intermédio do ladrão, que, de maneira inadvertida, é devorado pela casa que invade, seja por meio do paciente no hospital, que conta as horas a partir das próprias memórias e das dores excruciantes, ou, ainda, por um certo Paulo, também paciente de um hospital, que se dilui em suor e pus. A pessoa achacada, para usar uma expressão do próprio Graciliano, é o seu visconde partido ao meio, evocando aqui a personagem do escritor italiano Italo Calvino, que bem traduz a miséria e a dubiedade do indivíduo do século XX, e que Paulo traduz na compreensão que adquire de si mesmo:

Lá fora eu era um sujeito aperreado por trabalhos maçadores, andava para cima e para baixo, como uma barata. Nunca estava em casa. Recolhia-me cedo, mas o pensamento corria longe, fazia voltas em redor de negócios desagradáveis (...) Evidentemente uma pessoa achacada tomou conta de mim. Esta criatura surgiu há dois meses, todos os dias me xinga e ameaça, especialmente de noite ou quando estou só.

Observador sensível, Graciliano Ramos percebe também a infância, o mundo natural e a mulher sob a influência dessas instâncias de poder e sujeição. A personagem Luciana, que aparece em dois contos — um homônimo e “Minsk” —, personifica a liberdade e o poder de fabulação contra um mundo de limites mesquinhos. Luciana, criança rebelde, tem, em um *alter ego* imaginário, a Dona Henriqueta da Boa Vista, a piscadela dada ao passado, aos papéis formais que se exigem da menina, a mulher em formação. Dona Henriqueta, persona da mulher bem-comportada, que “não se sentaria numa barroca cheia de lama”, é ao mesmo tempo fantasmagoria e deboche. Diante da força de Luciana, Dona Henriqueta representa um aceno aos papéis tradicionais. Luciana, menina que “sabe onde o diabo dorme”, no entanto, tem a força da infância que fala com as árvores, os